

Em Portugal, a inflação absorve a poupança acumulada durante a pandemia

A pandemia criou uma almofada de poupança que irá ajudar as famílias a enfrentarem o aumento de inflação que os estrangulamentos do lado da oferta, agravados pelo conflito na Ucrânia, trouxeram.

Em 2021, a taxa de poupança foi de 10,9%, menos do que os 12,7% de 2020, mas ainda 3,7 p.p. acima dos 7,2% de 2019. Em valor, a poupança das famílias situava-se nos 16,650 milhões de euros no final de 2021, menos 2 mil milhões do que em 2020, mas ainda 6 mil milhões acima dos 10,7 mil milhões de 2019.

O crescimento mais forte do consumo nominal do que do rendimento disponível explica a diminuição da poupança em 2021. Com efeito, enquanto o consumo aumentou 4,8%, o rendimento disponível só cresceu 3,2%. Em 2022, este movimento intensificar-se-á, na medida em que se espera que o consumo nominal cresça em torno dos 8%-9%, motivado pelo aumento da inflação para níveis superiores a 5% e, talvez, ainda algumas réstias de despesas suspensas durante os confinamentos e que ainda não foram repostas; enquanto que o rendimento disponível deverá continuar a crescer em torno de 3,5%. Neste contexto, a taxa de poupança poderá cair para níveis entre os 5%-7%.

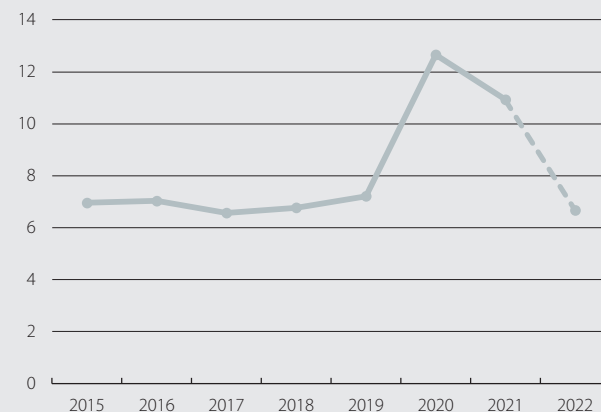
O nosso cenário base, aponta para que no final deste ano a taxa de poupança se situe mais próximo do limite superior do intervalo, na medida em que o aumento da poupança, embora tenha sido transversal a todas as classes de rendimento¹ se concentrou nas classes de rendimento mais elevado, que habitualmente têm maior capacidade de poupança e menor propensão para consumir. Adicionalmente, o ambiente de maior incerteza que se vive por causa da guerra na Ucrânia poderá gerar comportamentos mais cautelosos, contribuindo para uma redução menos acentuada da poupança.

Contudo, o retorno da taxa de poupança a níveis próximos de 7%, significa que as poupanças acumuladas durante a pandemia irão ser totalmente absorvidas pelo aumento da inflação, naturalmente afetando mais as famílias de mais baixos rendimentos, cuja acumulação de poupanças durante a pandemia foi mais reduzida.

1. O Inquérito à Situação Financeira das Famílias (ISFF) de 2020, cujos dados foram recolhidos entre outubro de 2020 e fevereiro de 2021 refere que em 2020, a percentagem de famílias que pouparam mais do que o habitual apresenta um perfil crescente com o rendimento, mais acentuado face ao anterior inquérito realizado em 2017. No primeiro quintil do rendimento 3% das famílias declararam ter poupado mais do que o habitual (2% em 2017), no segundo 6% (3%), no terceiro 9% (3%), no quarto 16% (6%) e no último quintil 22% (8% em 2017).

Portugal: taxa de poupança

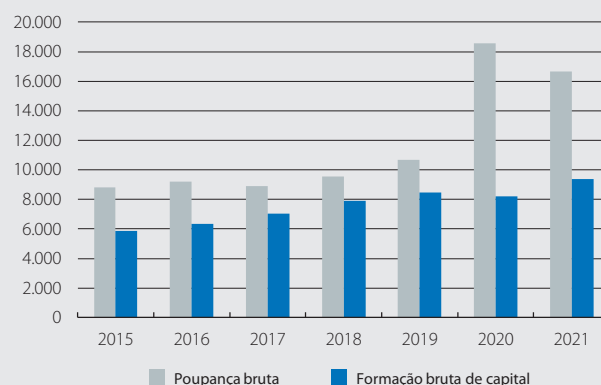
% rendimento disponível



Fonte: BPI Research, com base em dados do INE.

Portugal: poupança e investimento das famílias

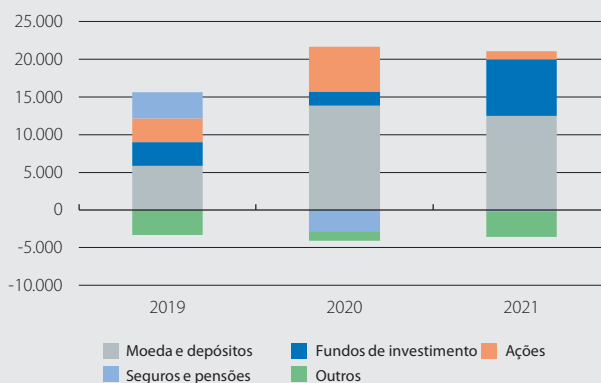
(Milhões de euros)



Fonte: BPI Research, com base em dados do INE.

Portugal: variação do património financeiro das famílias

(Milhões de euros)



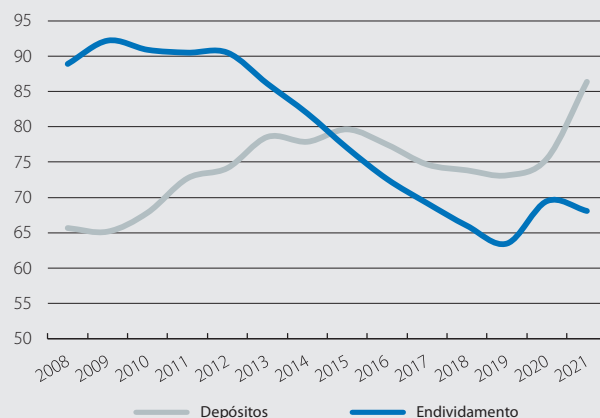
Fonte: BPI research, com base em dados do Banco de Portugal.

Entretanto, a capacidade de financiamento das famílias diminuiu em 2021, cerca de 3 mil milhões de euros para 9,3 mil milhões, um nível ainda muito superior aos cerca de 4 mil milhões observados nos anos pré-pandemia. O contexto de baixas taxas de rentabilidade dos depósitos, de condições financeiras favoráveis e de acumulação de poupança, favoreceu o investimento em habitação justificando a queda da capacidade de financiamento das famílias. Com efeito, em 2021 foram transacionadas mais de 39 mil casas, movimentando 7 mil milhões de euros, mais 2 mil milhões do que em 2020.

Pela positiva destaca-se o facto de no ano passado terem aumentado os ativos financeiros das famílias. Destes destaca-se o aumento dos depósitos em cerca de 11 mil milhões de euros para 173 mil milhões, mais 6,8% do que em 2020; e das aplicações em fundos de investimento que registraram um aumento de 7,5 mil milhões de euros para 29,7 mil milhões de euros. Por sua vez, o endividamento aumentou 4,9 mil milhões, para 144 mil milhões, mais 3,5% do que em 2020. Em resumo, o património financeiro líquido das famílias aumentou cerca de 14 mil milhões de euros, para 297 mil milhões, equivalente a 140,3% do PIB.

Em suma, as poupanças acumuladas durante a pandemia e os balanços das famílias, mais equilibrados, ajudarão a enfrentar a inflação exceccionalmente elevada.

Portugal: depósitos e endividamento das famílias (% do PIB)



Fonte: BPI Research, com base em dados do BdP e Eurostat.